

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 300
25 de julho de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Hoje eu queria retomar o tema da última aula, porém aprofundando um pouco mais com o auxílio do artigo¹ “A Igreja Humilhada (I)”, publicado no *Diário do Comércio*. Esse é um tema da minha preferência há muitos anos e acho-o fundamental, não só para nós, evidentemente, mas para toda a civilização cristã; por infelicidade, é o mais desprezado pela intelectualidade tanto católica quanto protestante.

De vez em quando você nota alguém que percebeu vagamente um pouco do problema — nem sempre enfocando pelo centro da coisa —, mas logo essas tentativas se perdem porque elas se desviam. Exemplo característico é o do teólogo holandês calvinista Abraham Kuyper que, na segunda metade do século XIX, em seus comentários sobre o Pentecostes, reclama do significado convencional da palavra “coração” como indicativo da sede dos sentimentos e o cérebro como a sede da inteligência. Ele diz que, na Bíblia, o coração é o centro do ser humano, é aquele lugar onde as coisas não estão divididas, onde está tudo junto: pensamento, sentimento, percepção, memória. É esse o sentido que o coração tem de assumir na nossa interpretação das coisas, em detrimento ao sentido moderno e diminuído de uma sede dos sentimentos — que é uma acepção nascida entre os séculos XVII e XVIII (não sei a data exata), mas que no século XIX, com o Romantismo, já está consolidada na linguagem geral e na literatura.

Essa divisão que separa a inteligência no cérebro e os sentimentos no coração reflete outra mais profunda, sobre a qual estive falando na última aula: a divisão cartesiana. Na verdade, não só cartesiana: Galileu, Newton e Descartes, todos eles aceitaram essa distinção entre o que chamavam as “qualidades primárias” e as “qualidades secundárias” dos objetos. As qualidades primárias seriam aquelas objetivamente mensuráveis e as qualidades secundárias as que dependem de um aparato de percepção humana, como por exemplo a cor, o cheiro etc. Na verdade, sobra, como sinônimo de realidade objetiva, somente aquilo que é mensurável, por assim dizer, o tamanho das coisas. Então o tamanho é uma coisa objetiva.

Sempre isso me pareceu absurdo porque não existe nada mais subjetivo do que uma medida. Uma medida é uma comparação de uma coisa com outra feita por um sujeito. Quer dizer que o que é tomado como o que Descartes chamava *res extensa* (coisa extensa, a coisa que existe materialmente) é algo que só chega ao nosso conhecimento através da mente humana, é ela

¹ *Diário do Comércio*, 24/07/2015. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/a-igreja-humilhada-1/>

que mede e compara; e tudo aquilo que se impõe a nós por si mesmo, como a mera presença dos objetos, a sua cor, o seu gosto etc., passa a ser o subjetivo. Isso sempre me parece ser uma inversão completa, isso sempre criou muito desconforto na minha mente. Mas a divisão de qualidades primárias e secundárias dividiu então o mundo em uma parte que existe por si mesma e outra parte que só existe em função do aparato cognitivo e sensitivo do ser humano. Ou seja, todas as sensações se tornam subjetivas. Naturalmente, esta separação e a idéia da mensuração como sendo a atividade intelectual e cognitiva por excelência, acaba se consolidando num outro plano: nessa idéia do cérebro e coração ou, como diria Camilo Castelo Branco, “coração, cabeça e estômago”. Mas, de qualquer modo, Kuyper estava na pista certa, pois do simbolismo do coração depende o simbolismo de tudo o mais.

Na Bíblia, em Ezequiel 36,26, o coração aparece como centro do ser humano, quando Deus eminentemente se dirige a Israel dizendo: “vou tirar seu coração de pedra e colocar um de carne”; em outras palavras, Ele colocará um coração capaz de captar a vida na sua integridade, e não apenas segmentária ou fragmentariamente como a mente, que só pode medir duas coisas de cada vez e comparar uma por uma. Curiosamente, no simbolismo astrológico medieval, o astro que corresponde ao coração é o Sol. Então seria o caso de perguntar: se os medievais eram geocentristas, por que colocavam o coração, centro do ser humano, como correspondente desse astro? Quer dizer, seria mais natural que o Sol estivesse também no centro do sistema planetário, já que está no centro do ser humano. Isso é indicativo direto de que os medievais não eram tão geocêntricos assim: havia uma coexistência de concepções contraditórias, e essa coexistência era justamente o segredo da cosmologia medieval. Para vocês verem até que ponto pode ser artificiosa a disputa moderna de heliocentrismo e geocentrismo.

Tudo isso se perde na modernidade, e é exatamente o que eu estou tentando explicar neste artigo.

Por que o Papa Francisco, ao falar do simbolismo sagrado da natureza, preferiu citar um místico muçulmano em vez de colher alguma frase na imensa literatura cristã sobre o assunto? Os cérebros iluminados da mídia nacional e internacional enxergaram aí toda sorte de intenções ecumênicas e diplomáticas, mas não creio que esse simples detalhe de um discurso papal possa ser compreendido sem um recuo histórico de muitos séculos.

Ou seja, eu estou tomando este acontecimento tão inusitado e inédito — nunca um Papa, para ilustrar o que está dizendo, citou um autor muçulmano, é a primeira vez —, e que aparentemente é apenas um detalhe (mas não é um detalhe, é uma coisa fundamental), como símbolo condensado de uma situação histórica que já vem se desenvolvendo há muitos séculos.

“Nós falamos com palavras, mas Deus fala com palavras e coisas”, dizia Sto. Tomás de Aquino. Na época dele, e de fato desde o começo do cristianismo, isso era uma obviedade de domínio público.

Muito antes de ditar aos profetas as palavras da Bíblia, Deus havia criado o universo, sendo inconcebível que não deixasse aí as marcas da sua Inteligência, do Logos divino que contém em si a chave de todas as coisas, fatos e conhecimentos.

Voltemos ao Kuyper. Ele estava no caminho certo quanto à interpretação do coração, e se cavasse mais fundo, ele encontraria aí todo o simbolismo medieval. Acontece que Kuyper era um autor fragmentário, ele não desenvolvia as coisas até o fim: soltava a idéia e passava para outra. Inclusive, o grande discípulo dele, Hermann Dooyeweerd, conta que encontrou essa noção do coração num escrito inédito de Kuyper. Ele estava no Instituto Kuyper examinando alguns papéis e achou esse sermão perdido no meio.

Com Dooyeweerd, a coisa toma o seguinte rumo: ele acreditava que existe o que ele chamava dialética relativa, que é a dialética como foi desenvolvida na Antiguidade por Aristóteles e depois por uma tradição que chega até Hegel (mas que é caracterizada sobretudo por Hegel), na qual os opostos encontram [0:10] uma síntese. Quer dizer que algo que parece estar totalmente contrário, na verdade, não é tão contrário assim porque os dois termos são elementos de uma síntese que os transcende e abrange. E ele diz que essa dialética funciona para um monte de coisa, porém, quando aplicamos ao campo da religião, ela não funciona mais porque entre a religião e a irreligião não existe uma síntese superior — logicamente isso está certo, de fato uma dialética hegeliana não se aplica ao campo religião; e se não é possível a dialética hegeliana, então temos de partir para o antagonismo absoluto onde será preciso escolher. E ele desenvolve, com base nisso, toda uma filosofia calvinista, partindo da sugestão do Kuyper e prosseguindo neste sentido.

Mas eu acho que isso está totalmente errado. Ele tem razão ao dizer que não há uma síntese superior entre a religião e a irreligião, mesmo porque ele considera que essas atitudes ateístas são religiões também (ele diz que tudo isso é religião), ou seja, a religião não faz parte do pensamento individual, ela o engloba e está contida nela de alguma maneira. Então se você é cristão ou se você é ateu, você tem uma perspectiva religiosa e ela o abrange de algum modo, e essas duas não são compatíveis entre si.

Ele diz que a religião não é compatível nem com o laicismo moderno, nem com as concepções pagãs da Antiguidade. Até aí está aparentemente certo ou está meio certo porque o fato de não haver uma síntese superior entre dois termos não implica que um deles não abranja o outro. Então não é uma síntese de tipo hegeliano em que dois termos opostos se sintetiza num terceiro, mas outro tipo de síntese em que um dos termos, que parece ter uma independência, está contido no primeiro e pode ser trazido de volta para ela. E aí, então, Dooyeweerd erra por muitos quilômetros quando diz que a filosofia escolástica medieval tentou sintetizar o cristianismo com uma perspectiva pagã. Por exemplo, ao assimilar a concepção ptolemaica do universo, ela estaria criando uma síntese entre dois termos que são antagônicos: o cristianismo e o paganismo. Mas isso é cem por cento errado porque o que os escolásticos fizeram não foi uma síntese hegeliana de pegar dois termos e encontrar um terceiro, não: foi de absorver um dos termos no outro, mostrando que ele não tinha autonomia, que ele não tinha em si seu próprio fundamento e que ele só encontra o fundamento dentro de outra perspectiva, que seria justamente uma perspectiva bíblica.

De qualquer maneira, estas idéias do Kuyper e do Dooyeweerd são de uma importância extraordinária para essa discussão que estamos colocando aqui. Mesmo que ele nunca tenha ido até o fim e tenha deixado o problema pelo meio, ainda assim não podemos dispensá-lo, temos de passar por ele. A questão da dialética relativa e do antagonismo absoluto, esta questão existe, porém a solução não é a que ele dá, exatamente. Onde não é possível uma dialética hegeliana (dialética de tese, antítese e síntese), é possível uma dialética de absorção. A dialética de absorção já é conhecida muito antes do cristianismo. Você a observa no hinduísmo onde as várias realidades que se apresentam são em seguida relativizadas como ilusórias ou parcialmente ilusórias e integradas numa realidade superior. Quer dizer, essa realidade superior não é um terceiro elemento, não é uma síntese no sentido hegeliano, ela é a própria tese que absorve a antítese, mostrando que ela não tinha uma existência de direito próprio.

A perspectiva medieval integrava a cosmologia pagã num outro quadro, que era o quadro bíblico, mostrando justamente que aquela cosmologia não tinha uma base em si mesma. Isso porque na cosmologia antiga, tanto grega quanto egípcia, os elementos da natureza, os fatos e coisas da

natureza são vistos como sinais diretos de uma presença divina; e, na cosmologia cristã medieval, os elementos da natureza não são sinais de Deus, eles são símbolos. E o símbolo sempre tem uma ambigüidade em si mesmo: ele meio revela e meio esconde. Então quer dizer que o símbolo só poderia ser compreendido se visto de duas maneiras ao mesmo tempo, de dois lados ao mesmo tempo: o lado onde ele revela o seu arquétipo e o outro lado onde ele se distingue do seu arquétipo, diferencia-se dele.

Por exemplo, no estudo que eu fiz sobre a tripla intuição, eu coloco a luz como símbolo da consciência ou da inteligência e mostro que isso é um simbolismo universal. Isso não pode ser um simbolismo convencional de maneira alguma pelo fato de que, antes de inventarem a luz elétrica, antes de o ser humano dominar o fogo, quando havia luz natural, ele via e, quando não havia luz natural, ele não via coisa nenhuma. Então a diferença entre ver e não ver é uma coisa gritante, e, portanto, a luz aparece como um símbolo natural. Mas se a luz aparece como um símbolo natural, o Sol também aparece como um símbolo natural. Mas o Sol é a luz? É e não é. O Sol é a nossa fonte de luz para esse planeta, mas ele não é em si a luz, portanto o simbolismo tem este lado duplo: o Sol meio é a luz e meio não é.

Esse elemento dialético ou paradoxal dos símbolos estava muito mais claro na Idade Média do que para as civilizações antigas. Podemos dizer que esta cosmologia ptolemaica é absorvida na civilização cristã, mas absorvida e transcendida ao mesmo tempo, porque onde antes você via uma tábua de correspondências biunívocas, por assim dizer, entre o mundo natural e o mundo divino, agora há uma relação dialética em que você tem de se orientar na floresta dos símbolos porque todos eles estão afetados de ambigüidade.

Roxane: Você não pode dizer que a luz que está subjacente ao Sol, em qualquer das duas modalidades da ambigüidade inerente, apareça no mundo físico? Porque a luz aparece nos dois casos.

Olavo: Não, porque existe luz quando não vemos o Sol. Você não vê as estrelas?

Roxane: Mas não é ele que passa luz para as estrelas?

Olavo: Não. Eu estou falando das estrelas e não dos outros astros. Por exemplo, ele passa luz para a Lua.

Também dei o exemplo de que a Lua, no simbolismo antigo, está associada à idéia de tempo, de evolução, de crescimento etc. Por que é isso? É simples: a Lua não tem uma figura fixa, ela muda de aparência. Para perceber que, por trás dessas aparências, existe uma continuidade, você precisa de observações ao longo do tempo e, por assim dizer, a identidade da Lua é uma conclusão a que o ser humano chega, é uma construção. Que outro processo natural tem ao mesmo tempo esse aspecto de mutação e de continuidade de maneira tão nítida quanto as fases da Lua? Nenhum. Para perceber a mutação e a continuidade em outros processos, só você tendo as fases da Lua. Então elas viram o modelo desta dialética de mutação e de continuidade, ou seja, como uma identidade que persiste por baixo de muitas figuras diferentes.

Você pode ver isso nas estações do ano, claro. As estações do ano são muito mais confusas do que as fases da Lua. Uma comunidade que não tenha sequer percebido as fases da Lua, muito menos vai perceber a continuidade das estações do ano, ela não vai ter o senso histórico, o senso temporal. Para isso, ela precisa ter apreendido as fases da Lua. O mês lunar é a base de toda a nossa concepção de historicidade, de temporalidade etc. Nesse sentido, o Sol e a Lua são símbolos naturais: eles ensinam a humanidade a pensar. Quando na Bíblia é dito que Deus

colocou as luminárias do Sol para que iluminassem, não é só iluminar no sentido físico, é também para esclarecer no sentido cognitivo. Esse é um exemplo de símbolos naturais universais, estão em toda parte, aparecem na mitologia, na Bíblia, em tudo quanto é lugar e também na astrologia medieval. [0:20]

O que a civilização européia da Idade Média faz é integrar esses elementos do paganismo numa síntese superior, então não há necessidade de um terceiro elemento. Por isso mesmo não é uma síntese hegeliana de tese, antítese e síntese, quer dizer, a tese é diferente da antítese e ambas são diferentes da síntese — não é isto. No caso desse outro tipo de dialética, a tese é a própria síntese, a oposição que aparece é apenas aparente. E isso também é a dialética da metafísica hindu em que as várias aparências do cosmos vão sendo absorvidas no Absoluto, do qual elas são apenas versões parciais que ao mesmo tempo revelam e encobrem.

Toda essa dialética já estava na cosmologia medieval, e daí essa aparente contradição de uma cosmografia geocêntrica coincidindo com o heliocentrismo simbólico. Quer dizer, se o coração é o centro do ser humano, o Sol é o centro do sistema solar, evidentemente. Esses dois aspectos (geocêntrico e heliocêntrico) coexistiam numa síntese simbólica. E isso tudo se perde quando se passa então à discussão de qual é verdadeiro do ponto de vista não cosmológico, mas cosmográfico — ou seja, do ponto de vista material, da mensuração —, o que leva a uma descida fabulosa de nível, porque é evidente que a discussão de geocentrismo e heliocentrismo prosseguiu com uma certa velocidade sem que as concepções simbólicas respectivas pudessem acompanhar.

Nada mais lógico, portanto – assim pensavam os santos e místicos –, do que buscar nas formas e aparências do universo físico os sinais da intenção divina que tudo havia criado.

O próprio texto da Bíblia está tão repleto de referências a animais, plantas, minerais, partes do corpo humano, acidentes geográficos, fenômenos astrais e climáticos etc., que sem algum conhecimento da natureza física sua leitura se torna completamente opaca. (...)

Qual é a primeira frase? “No princípio Deus criou o céu e a terra”. Se você não sabe o que é céu e terra, acabou a leitura. Portanto, essa leitura está dependente de um referente externo, pois é disso que ela está falando. É claro que depois você pode aprofundar o sentido de céu e terra, porém o significado primário é este céu visível e esta terra que estamos pisando. Veja, dizer “Deus criou o céu e a terra” e “Deus ditou ou inspirou as palavras da Bíblia” é diferente. Quer dizer, a criação é um pressuposto da revelação bíblica, óbvio, e não ao contrário.

Isso é o que eu andei tentando explicar, mas evidentemente existe sempre uma dificuldade. As pessoas que se orientam na vida ou por uma fé religiosa ou por uma fé política, ou por qualquer outro tipo de crença, e não por uma busca do conhecimento, elas sempre tendem a interpretar tudo como se fosse uma tomada de posição. Então o sujeito me ouve dizer que a criação tem precedência temporal e ontológica sobre a Bíblia, que é a coisa mais óbvia do mundo, daí ele diz: “Ele está querendo dizer que a criação é o caminho da salvação”. Dá vontade de bater em um sujeito desses, isso aí é abusar do direito ao analfabetismo. Mas é o analfabetismo devoto: o cara está falando isso para defender a fé, para defender a Bíblia. É assim que vocês se transformam no Júlio Severo.

Quando colocamos mensagens na internet, nós as estamos oferecendo para milhões de pessoas que nunca vimos na vida nem temos idéia de quem sejam, e evidentemente vamos provocar respostas de pessoas que não estão entendendo absolutamente nada. É claro que tudo o que posto no *Facebook* se dirige primariamente aos meus alunos, secundariamente a pessoas que

tenham capacidade para ser meus alunos e que talvez queiram sê-lo mais tarde, em terceiro lugar, estou falando com todos os outros. Mas estes são sempre os primeiros que dão palpite, evidentemente. Tanto que um sujeito disse: “Segundo o Olavo, os macacos têm mais autoridade do que Deus”. Eu respondi: “Mais autoridade do que Deus eu não sei, mas mais autoridade do que você eles certamente têm”. Daí ele disse: “Ah, sim, é verdade! Eu sou o último deles”. Daí eu pus lá: “Parabéns pela sua modéstia”. Ele não percebeu que era gozação.

A precedência temporal e ontológica da criação é uma coisa da qual não podemos abdicar porque ela é afirmada na primeira linha da Bíblia. O que está escrito na primeira linha? “No princípio Deus escreveu a Bíblia”? É isso que está escrito? Não! “No princípio Deus criou o céu e a terra”, e daí, dentro do céu e da terra, mais tarde, depois da queda e de tudo o mais, ele mandou o primeiro profeta hebraico, depois mandou outros, e eles foram escrevendo a Bíblia. Portanto, a história da Bíblia faz parte da história da criação, e não ao contrário. Isso quer dizer que o que está escrito na Bíblia tem de ser compreendido em função da realidade, a qual temos acesso com os cinco sentidos e por outras formas de conhecimento. Ela está sempre referida a outros conhecimentos. Por exemplo, quando ela coloca o nome de uma cidade, essa é uma referência geográfica. Essa referência geográfica não faz parte da Bíblia, a Bíblia se refere a ela como um dado preexistente. Quando alguém fala: “Paulo foi até a cidade tal” ou “Abraão foi para não sei onde”, esses lugares já existiam antes que a Bíblia fosse escrita, e a Bíblia está se referindo a eles. O número de referências ao mundo físico que tem na Bíblia é imenso, e se você retirar essas referências fica tudo incompreensível.

Também isso não deve ser compreendido no sentido de que os conhecimentos naturais prevalecem sobre a Bíblia. A realidade da criação prevalece sobre a redação da Bíblia, mas isso não quer dizer que nossos conhecimentos do mundo natural prevaleçam sobre a mensagem bíblica. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas é claro que teve gente que entendeu assim: “Ele está querendo dizer que as ciências naturais são superiores à Bíblia”. Eu pergunto: Por que essa necessidade de sempre estar votando? O sujeito pensa que tudo é um concurso de beleza, que você tem que votar, sempre tem o superior, o inferior, o melhor, o pior. Mas eu não estou falando nada disso. O número de pessoas que entram em discussões para dizer esse tipo de coisa mostra a degradação do nosso sistema de ensino, porque essa discussão que eu estou empreendendo aqui não está acima da capacidade de nenhum ser humano, não é nenhuma coisa tão complicada assim. Qualquer pessoa que é capaz de frequentar um curso universitário tem a obrigação de entender o que eu estou dizendo aqui. No entanto, você vê professores, universitários que realmente não entendem e tomam posição.

Mas voltemos ao artigo.

(...) Não havia e não há como fugir desta constatação elementar: o universo era a primeira das Revelações.

E dentro dessa Revelação aparecem depois os profetas hebraicos em função de uma situação anormal, que é a Queda. Se Adão e Eva não tivessem aprontado, não haveria a necessidade dos profetas hebraicos. Os profetas vêm para trazer as pessoas de volta para Deus. Para que eles iriam fazer isso se não tivessem se afastado de Deus? Não faz sentido. Portanto, a Bíblia inteira, tudo o que os profetas hebraicos escreveram e depois tudo o que os evangelistas e outros apóstolos escreveram, é em função da Queda. Mas o universo é anterior à Queda — **[0:30]** isso o que nós temos de entender. Não houve uma segunda criação, Deus não recriou o mundo depois da Queda, este é o mesmo mundo cujo conhecimento nos está parcialmente velado em função da Queda, quer dizer, o nosso conhecimento, o nosso entendimento da natureza física é precário por causa da Queda. Mas isso não quer dizer que a própria natureza

física esteja degradada ou que Deus tenha criado outra depois da Queda. Não, ainda é a mesma.

Existe um poema maravilhoso do poeta catalão Joan Maragall em que ele pergunta como seria o Paraíso e começa a ver os aspectos da beleza terrestre e da beleza dos céus, e diz: “não precisa mudar nada, pode deixar tudo como está. Só tire este véu dos meus olhos”. Isso é profundo! Isso quer dizer que a mudança para outro estado não implica que o novo céu e a nova terra sejam novos no sentido físico da coisa. Nós não sabemos isso. Mas Maragall tem razão: a beleza do universo é tanta que não conseguimos apreendê-la na sua totalidade, só captamos por pedaços e misturado com a nossa própria confusão. Então é só tirar o véu dos meus olhos e pronto, isso aqui vira o Paraíso.

Isso quer dizer que Deus fez quatro revelações: a primeira foi a criação, a segunda os profetas hebraicos, a terceira o advento do Nosso Senhor Jesus Cristo e a quarta a redação dos Evangelhos e das Cartas dos Apóstolos. Aí fechou. Vai haver uma quinta revelação? Vai: o Juízo Final.

Essa intuição não havia escapado aos povos pagãos da Antiguidade, cujas culturas se erguem inteiramente em cima de prodigiosos esforços para apreender alguma mensagem divina por trás dos fenômenos da natureza terrestre e celeste e fazer da sociedade inteira um modelo cósmico em miniatura.

Em nenhuma outra sociedade isso chegou à perfeição como na China. Na China eles estavam tão afinados nisso que achavam que os ritos desenvolvidos pelo imperador tinham uma ligação direta com fenômenos da natureza. Então se deixassem de fazer determinados ritos, aconteceriam grandes tragédias: furacões, terremotos etc. E até certo ponto a experiência confirma isso. Você não pode imaginar uma civilização inteira que dura cinco mil anos baseada em uma fantasia errada, simplesmente não é possível. Alguma correspondência tinha de ter, alguma regularidade tinha de ser observada. O problema é que essas civilizações consideravam esses sinais da natureza como se fossem a palavra de Deus diretamente, e isso eles não podem ser. Na medida em que faltava a noção do Deus transcendente, que a tudo abarca e supera, então o simbolismo da natureza começava a ter um valor por si. E isto é o que era chamado de idolatria.

Esta deficiência do simbolismo antigo é corrigida na cosmovisão cristã, que não precisa jogar fora nada do simbolismo antigo. A prova de que esse simbolismo permanece é o grande livro do arquiteto francês Louis Charbonneau-Lassay, que se chama *Le Bestiaire du Christ* (O Bestiário do Cristo). Que é o bestiário? Bestiário, em latim, é uma coleção de animais. Ele então copia das catedrais medievais todos os bichos que representam Cristo. E você vai ver que todos os bichos representam Cristo: leão, passarinho, elefante, tudo! Na iconografia medieval, sob o aspecto das diferentes qualidades de Cristo que neles se incorporavam, todos os animais eram símbolos de Nosso Senhor. Inclusive, é nesse sentido que temos de entender o que é um símbolo.

Existe uma figura de linguagem que é a alegoria. Alegoria é quando você pensa uma qualidade abstrata e a projeta num elemento físico qualquer — um animal, um fenômeno climático, qualquer coisa. Então é um recurso humano, uma inventividade humana, uma comparação feita pelo ser humano. Mas você só pode falar em símbolo quando acontece exatamente o contrário: quando você tem um arquétipo, quer dizer, uma lei fundamental do cosmos que se manifesta sob forma fisicamente visível num animal, num acidente geográfico etc. Como, por exemplo, o Verbo Divino é o arquétipo do qual o sol e a luz são manifestações. Isso não é uma

coisa que um ser humano inventou. Tanto que, como eu expliquei ali naquela apostila “A tripla intuição”, simplesmente não é possível separar a idéia de luz da idéia de consciência, elas vêm juntas.

Você vai ver o simbolismo do sol, da luz e do coração, tudo ligado com esta idéia de centro iluminante. Isso quer dizer que o sol, sendo um símbolo, não é a luz, não é o Logos, mas ele O manifesta; e como manifesta, ele só pode manifestar parcialmente, e, portanto, de uma maneira ambígua. E é nessa ambigüidade dos símbolos que as pessoas quebram a perna. Por exemplo, todo esse pessoal que estuda Astrologia está ainda na mentalidade pré-cristã, porque acredita que tal planeta corresponde a esta e esta qualidade. Na verdade, ele corresponde a esta qualidade como corresponde à qualidade oposta. Quer dizer que se você não tem esta visão dialética dos símbolos, você os vai interpretar literal e materialmente: eles não serão mais símbolos, serão as próprias coisas.

Por exemplo, o simbolismo astrológico é o mais fácil de estudarmos neste aspecto porque a bibliografia é abundante. Mas, em todo o universo astrológico, em toda a classe astrológica do mundo, dificilmente você encontrará alguém que tenha uma noção clara dessa ambigüidade. Mesmo porque os astrólogos foram muito influenciados pela ciência moderna e querem encontrar correspondências biunívocas, as quais simplesmente não podem existir porque daí os símbolos não seriam símbolos, seriam as próprias coisas. No livro *A Dialética Simbólica* eu expliquei parte disso.

Entre os símbolos e os simbolizados existe uma relação analógica. Analogia significa que há uma síntese de semelhanças e diferenças inseparáveis. Quando você encara a coisa num sentido ascendente, quer dizer, subindo para uma interpretação espiritual, o símbolo e o simbolizado convergem; quando você olha pelo lado material, eles divergem — isso é sempre assim.

Apesar da imensa variedade das linguagens simbólicas que se desenvolveram nas mais diversas épocas e lugares, elas todas obedecem a um conjunto de princípios que permite estabelecer correspondências entre as concepções cosmológicas e antropológicas dessas civilizações.

Aqui o que eu estou falando da ambigüidade dos símbolos é um desses princípios. Isso aparece em todo lugar, o que não quer dizer que toda a sociedade compreendesse essa ambigüidade corretamente. Eu acho que a compreensão mesmo só fechou na cosmologia medieval, antes você não encontra isso. Antes você encontra, ao contrário, uma crença grosseira na materialidade dos símbolos, e isto é justamente o que a Igreja vai chamar de idolatria. A ambigüidade dos símbolos permite que, na Bíblia, certos animais apareçam já com um significado duplo. Por exemplo, o leão pode simbolizar Cristo, mas também simboliza o demônio, [0:40] dependendo do contexto, da situação etc. Quer dizer, o inimigo do homem, o leão que vem comer as suas crianças, matar a sua família etc. É diferente.

Essas concepções foram absorvidas e apenas ligeiramente remodeladas pela Europa cristã para tornar-se veículos de uma cosmovisão bíblica.

A principal modificação foi um senso mais apurado da índole dialética do simbolismo natural, onde os fatos da natureza física já não apareciam como expressões diretas da presença divina, como no antigo culto dos astros, mas com indícios analógicos que ao mesmo tempo revelavam e ocultavam essa presença (expliquei um pouco disso no meu livro *A Dialética Simbólica*, São Paulo, É-Realizações, 2007).

Claro que o leitor dificilmente vai buscar o livro para aprofundar o que estou explicando aqui. Mas, se tiver esta curiosidade, ele verá que ali no próprio capítulo que chama “Dialética Simbólica” estou explicando que as analogias funcionam num sentido quando vão para cima e noutro sentido quando vão para baixo. O próprio prefixo *ana* quer dizer para cima. *Análogos* é um significado que se manifesta desde um ponto de vista ascendente e do ponto de vista descendente explica o contrário, ou tudo desaparece.

A cosmologia medieval incorporava o velho mapa planetário ptolemaico, com a Terra no centro e as várias esferas planetárias — correspondentes às distintas dimensões da existência — afastando-se até o último céu, morada de Deus. Que esse mapa não devesse ser interpretado como um simples retrato material do mundo celeste, prova-o o fato de que ele era compensado dialeticamente por uma concepção oposta, na qual Deus estava no centro e a Terra na extrema periferia.

Voltando aí ao simbolismo do Kuyper do coração. O coração é o centro e o astro que corresponde ao coração no sistema é o Sol. Portanto, você tem uma tensão geo-heliocêntrica na concepção total. Considerando-se apenas a cosmografia, é geocêntrico mesmo — o desenho é geocêntrico, a estrutura visível é geocêntrica —, mas no sentido da cosmologia total é um geo-heliocentrismo.

A tensão entre as duas esferas condensava de uma maneira abrangente os paradoxos da existência humana no ambiente natural que era ao mesmo tempo um templo e uma prisão. (...)

A natureza então é um templo e o nosso corpo é o templo do Espírito Santo. Mas ao mesmo tempo quando rezamos, por exemplo, a Salve-Rainha “depois deste desterro, mostrai-nos Jesus”, ou seja, estamos dentro do templo, mas estamos desterrados aqui. A existência terrestre tem essa ambigüidade, a natureza tem essa ambigüidade: ela é um templo e um lugar de desterro, um deserto, uma prisão etc.

A eclosão do debate heliocentrismo versus geocentrismo baixou o nível da imaginação pública para um confronto entre duas concepções puramente materiais, (...)

Você veja que todo o debate de geocentrismo e heliocentrismo acontece à margem de qualquer concepção cosmológica mais alta, é apenas uma discussão entre astrônomos, entre medidores do céu. Existem dois sistemas de medidas, e cada astrônomo afirma que o seu funciona melhor do que o do outro, e até hoje pode prosseguir essa discussão — podemos ver no livro de Robert Sungenis que ainda é possível levantar essa mesma discussão decorridos quatro séculos. Só que não se trata de ser geocêntrico ou heliocêntrico, mas a própria discussão de heliocentrismo ou geocentrismo pega um aspecto menor da cosmologia e o transforma no grande assunto.

(...) rompendo a tensão dialética entre as duas esferas e rebaixando a cosmologia ao estado de mera cosmografia (o desenho do céu).

Os progressos extraordinários desta última [isto é, da cosmografia] serviram para mascarar o fato de que a modernidade assim inaugurada ficou totalmente desprovida de uma cosmologia simbólica, não havendo até hoje nenhum meio de articular a visão material-científica do universo com os conhecimentos de ordem espiritual: essas duas dimensões pairam uma sobre a outra sem jamais interpenetrar-se, como água e óleo num copo, de tempos em tempos ressurgindo, sob formas variadas, o “conflito entre ciência e religião”, ou entre “razão e fé”, o qual, nesses termos, só pode ser apaziguado mediante arranjos convencionais de fronteiras, tão artificiais e instáveis quanto qualquer tratado diplomático.

E aí tenho de dar inteiramente razão ao Dooyeweerd. Ele dizia que reconhecer que existe um domínio físico autônomo fora da religião é idolatria. Ele diz não existir nenhum domínio autônomo nesse sentido, ou seja, tudo está dentro do infinito. É claro que o ponto de vista divino abrange tudo o mais, então não há setor autônomo. A própria presunção de uma ciência alheia ao domínio da religião é uma forma de idolatria e é uma religião. E é nesse sentido que ele diz que o ateísmo moderno é uma religião.

(...) apaziguado mediante arranjos convencionais de fronteiras tão artificiais e instáveis quanto qualquer tratado diplomático.

A toda hora as pessoas voltam a este tema de que a ciência e a religião não entram em conflito porque elas são domínios separados. Como domínios separados se na primeira frase da Bíblia está falando dos céus e da terra? Quer dizer que Deus não sabe o que é o céu e a terra, Ele não tem nenhum conhecimento a esse respeito, isso aí só a astronomia e a geografia vão nos dizer? Não faz sentido. Existem elementos de ciência fundamentais na Bíblia. E até o século XVIII nenhum cientista sério imaginou que estava indo para além ou para fora do domínio bíblico, ao contrário, eles achavam que estavam aprofundando o conhecimento bíblico — o próprio Galileu achava isso. Então quando vieram aqueles debates de que a ciência e a religião são domínios separados, isso aí é um acordo de fronteiras, eles estão só tentando ser polidos. Aí existe uma separação, como existe uma separação física entre a faculdade de ciências naturais e a faculdade de teologia: você fica lá e eu fico aqui, eu não me meto no seu departamento e você não se mete no meu — isso é só um acordo de cavalheiros, não é uma solução científica, não é uma solução que tenha valor cognitivo. Mesmo porque se dissermos que existe uma separação absoluta, estaremos recaindo no mundo cartesiano e kantiano: temos aqui uma ciência natural sem espiritualidade e uma espiritualidade sem base natural. Essa é a situação na qual estamos vivendo desde René Descartes. Quem tenta achar um acordo entre ciência e religião na base da divisão territorial está agravando o problema em vez de tentar resolvê-lo.

O que era tensão dialética tornou-se um dualismo estático, como numa guerra de posições entre exércitos imobilizados cada um na sua trincheira. (...)

Como na guerra de 1914: eu fico atirando daqui, você atirando de lá, eu não avanço um metro e você também não avança um metro.

Talvez o traço mais característico da modernidade seja precisamente a coexistência enervante entre uma ciência sem espiritualidade e uma espiritualidade sem base material.

Para piorar ainda mais as coisas, a ruptura entre as duas dimensões não se deu só no domínio da cosmologia, mas também na metafísica e na gnoseologia [hoje se prefere o termo epistemologia, mas dá na mesma], onde René Descartes, rompendo com a antiga visão aristotélico-escolástica do ser humano como síntese indissolúvel de corpo e alma, ergueu um muro de separação entre matéria e espírito, fazendo essas duas substâncias heterogêneas e incomunicáveis.

Aristóteles definia alma como a forma do corpo. Forma não é a figura externa; para o estagirita, forma tem o sentido de fórmula, quer dizer, o algoritmo, o padrão de construção preenchido então com matéria. Mas é evidente que a forma, isoladamente, só existe como idéia — e mesmo que seja idéia na mente de Deus, é uma idéia —, e a matéria sem a forma não é absolutamente nada, é apenas uma possibilidade de existência. Então quer dizer que a síntese indissolúvel de matéria e forma definia não só o ser humano, mas tudo o que existe: tudo é uma síntese indissolúvel de matéria e forma; se separar, a coisa não existe mais. Mas,

para Descartes, [0:50] a mente e a matéria são substâncias. Aristóteles diz que a verdadeira substância é o ser humano, é um gato, é um elefante — esses são substâncias; se você os dividir em matéria e forma, não tem substância nenhuma. Mas Descartes diz que a mente e a matéria são substâncias heterogêneas, completamente diferentes. E daí como é que você vai explicar que elas se juntem em algum lugar?

Malgrado as inúmeras contestações e correções que sofreu, o dualismo cartesiano acabou por deitar raízes tão fundas na mentalidade ocidental, que as suas conseqüências nefastas ainda se fazem sentir até mesmo no domínio das ciências físicas [leia o livro do Wolfgang Smith, *O Enigma Quântico*, onde está maravilhosamente explicado].

Na esfera cultural, isso resultava em dividir o universo inteiro da experiência em duas categorias: os objetos reais, isto é, materiais e mensuráveis, conhecidos pela ciência física, e os puramente pensados, para não dizer imaginários — leis, instituições, valores, obras de arte, o mundo propriamente humano.

Você veja que até hoje quando se fala de “matéria e espírito” ou de “ciência e fé”, é disto que se está falando: a ciência trata dos objetos materiais, a fé trata de coisas interiores do homem, do mundo do pensamento. Quer dizer que a separação cartesiana se impregnou, as pessoas são cartesianas sem saber. Tem cardeal e tem papa que é cartesiano, meu Deus do céu!, só que eles não sabem que são. Por isso que achei a Encíclica *Razão e Fé*, do Papa João Paulo II, altamente insatisfatória, porque ela ainda está contaminada disso, ela não dá o salto por cima. E nesse sentido a teologia protestante de Kuyper e de Dooyeweerd foi muito além.

Dos primeiros, só o que se podia saber eram as suas propriedades mensuráveis, sendo proibido querer descobrir neles algum significado ou intenção. Os segundos eram repletos de significado, mas só existiam como pensamentos, como “construções culturais” sem nenhum fundamento na realidade.

Eu acho que todo mundo pensa assim, só que o pessoal não sabe que isso é errado. Sobretudo não sabem o quanto isso é anticristão. Então o sujeito tenta ser cristão dentro do quadro cartesiano.

Por mais obviamente danosa à cosmovisão cristã que fosse essas idéias, elas foram rapidamente assimiladas pela intelectualidade católica. Durante todo o século XVIII o cartesianismo foi a doutrina dominante nos seminários da França. (...)

Vejam que coisa horrorosa! Eles largaram Santo Tomas de Aquino, Duns Scot e imergiram em Descartes, Malebranche, Mersenne, todo o pessoal do racionalismo moderno.

(...) As chamadas “heresias modernistas” ainda não haviam surgido, mas a hegemonia intelectual cristã estava perdida (...)

É importante lembrar que o mundo protestante só tomou conhecimento disso no século XIX com Abraham Kuyper, antes eles não falavam disso. Então eles nem perceberam que isso estava acontecendo.

(..) As chamadas “heresias modernistas” ainda não haviam surgido, mas a hegemonia intelectual cristã estava perdida. Rendeu-se praticamente sem luta.

Começava uma era na qual uma alma cristã não teria alternativa exceto amoldar-se à mentalidade moderna ou esbravejar em vão contra o que não podia vencer — as duas atitudes que até hoje caracterizam respectivamente os “modernistas” e os “tradicionalistas”.

Por exemplo, quando li o livro de Roberto de Mattei sobre o Concílio Vaticano II, fiquei impressionado com a superficialidade das idéias que circulavam ali. Ninguém foi mexer nisto que estamos. Você tem aqui um modernista que quer adaptar a Igreja à modernidade e o tradicionalista que quer rejeitar a modernidade. Mas isso só acontece quando você já perdeu a hegemonia intelectual, porque quando você a tem, você nem se amolda à idéia antagônica nem a rejeita, mas a absorve e transcende — que é o processo normal, pois não existe o erro absoluto. Todo erro tem uma parcela de verdade, você tem de ir lá dentro, buscar a parcela de verdade e transcendê-lo.

É como eu expliquei em um posto do Facebook: você só vence uma idéia quando a transforma em sua². No mundo das idéias, nós só vencemos a nós mesmos. Eu me lembro da regra número um do Lívio Vinardi, um guru gurdjieffiano daqueles bem malvados que gosta de judiar dos discípulos: “*Que te guste lo que no te gusta*”. Quer vencer o inimigo? Então “*que te guste lo que no te gusta*”: trata de pensar como ele, absorver a mentalidade dele, ver como ele, sentir como ele, e daí vira uma parte de você; você vence essa parte e a expele — essa era, inclusive, a técnica do dr. Juan Alfredo César Müller. Eu perguntava: “Dr. Müller, como você cura as pessoas?”, ele respondia: “Simples, eu absorvo os sintomas delas e curo a mim mesmo, daí elas saem curadas.” Mágica. Mas, na filosofia, essa mágica funciona o tempo todo. Se você não absorveu inteiramente a idéia do filósofo, você não consegue discutir com ela, isto é, não tem contato intelectual entre as duas idéias, elas ficam como água e óleo: você não gosta do outro, o outro não gosta de você, e você nem sabe do que ele está falando e ele não sabe do que você está falando.

Perante a modernidade, se a Igreja não tivesse perdido a hegemonia intelectual, ela teria absorvido e transcendido a modernidade. Na verdade, fica até hoje esse confronto estático do qual o Concílio Vaticano II foi uma amostra fenomenal.

Não interessa se a idéia do outro é herética. O outro é um ser humano, na verdade ele não é muito diferente de você, então você vai ter de criar uma espécie de heresia experimental: vou experimentar pensar como ele; depois que pensar como ele, daí eu vejo onde está errado o negócio, conservo a parte válida e cuspo o resto. “Experimentai de tudo e ficai com o que é bom.” Como é que vou experimentar de tudo sem me interpenetrar com aquilo? Quer dizer que se só vou olhar a idéia à distância, dizer que é uma porcaria, uma abominável, não estou experimentando realmente. Experimentar uma idéia é vivenciá-la, e daí você processa, absorve as energias e joga o bagaço fora. Não dei um nome ainda para esse tipo de dialética. Seria dialética da superação talvez, onde os dois termos não precisam de uma síntese porque um deles já é a síntese.

A pá de cal foi lançada por Immanuel Kant, quando cavou um abismo intransponível entre conhecimento e fé, enfatizando a autoridade universal do primeiro (...)

² “Toda e qualquer idéia só é compreendida quando vista NOS SEUS PRÓPRIOS TERMOS, o que exige a identificação ao menos temporária do leitor ou ouvinte com as percepções e sentimentos do autor da idéia. Foi nesse sentido que G. W von Leibniz, o homem mais inteligente da Europa desde Aristóteles, disse: “Eu concordo com tudo quanto leio.” É essencial que toda análise crítica FIQUE PARA DEPOIS, isto é, que o leitor não se oponha a uma idéia ANTES DE TÊ-LA FEITO SUA, de modo que toda a discussão se trave ENTRE ELE E ELE MESMO. Críticas feitas de fora, movidas por uma rejeição imediata, não valem nada, porque resvalam sobre a idéia sem atingi-la no seu centro vivo. Nisso reside a diferença entre a crítica filosófica e a polêmica bocó”. Postado no Facebook em 14/06/2015.

O conhecimento tem autoridade universal não porque capte a objetividade das coisas, mas porque a estrutura da razão em todos os seres humanos é igual, portanto, não é que estamos na verdade, mas temos autoridade porque todos nós pensamos igual.

(...) entre conhecimento e fé enfatizando a autoridade universal do primeiro e trancafiando a segunda no recinto fechado das preferências particulares — uma doutrina que se tornou a base não só do positivismo científico ainda imperante nas universidades em geral, mas também em todo o Estado laico moderno, (...)

O que é a religião no Estado laico moderno? É uma preferência individual, é um direito humano.

(...) onde não há diferença legal entre crer em Deus, em duendes, em extraterrestres, nas virtudes espirituais das drogas ou na bondade de Satanás.

Se você fundar a igreja de Satanás, perante a lei ela tem tanto direito quanto qualquer outra igreja. Como no livro *A Fraternidade Cósmica do Repolho Místico*, de Irmão Agostinho, um monge do Paraná, você cria o culto do repolho celeste. Bem, é uma entidade religiosa, ninguém pode dizer que não. Então aí é claro que virou uma palhaçada evidentemente. A ruptura entre o Estado laico e a religião só pode evoluir para a destruição da religião e, portanto, a destruição do próprio Estado laico e a sua transfiguração em uma tirania absolutamente infernal.

O Estado laico foi uma invenção dos liberais. Como eles fizeram duas descobertas em economia, acham que entendem o resto, no qual nem chegaram a pensar. Mas um problema é, por exemplo, querer o império da lei, *liberty in law* (a liberdade dentro da lei): “queremos o império da lei e ordem, não é uma anarquia, não é uma tirania etc”. [1:00] Então tudo está submetido à lei. Se é assim, a consequência imediata é o Estado se tornar o mediador de todas as relações humanas, tanto as relações mais duráveis — como, por exemplo, uma sociedade comercial, um casamento — quanto relações ocasionais: você entrou no elevador com uma pessoa, olhou para ela, pronto, essa relação já está regulada por lei: “Ah! Ele me olhou feio”. É como meu amigo Nestor, um homem de dois metros, dentro do elevador com um anãozinho. O anãozinho olha para ele e fala: “Não gosto de você!”. Ele podia processar, alegando que foi discriminado pelo anãozinho porque ele é grandão, ou vice-versa. Isto quer dizer que simples olhares são mediados pelo Estado. O Estado está onipresente, e daí, dentro disso, o liberal quer que as relações econômicas sejam desregulamentadas. Quer dizer que o Estado manda em tudo, exceto na economia. Mas como já demonstrei em outro lugar, o controle estatal da economia realmente não existe, o que existe é o controle estatal de tudo o mais, e isto é o que define o comunismo. Então você entra pelo liberalismo e sai para o comunismo do outro lado do cano.

Todo este problema começa com a crise civilizacional monstruosa que houve na entrada da modernidade, quando se perdeu a noção da cosmologia simbólica e se dividiu o mundo em dois pedaços: matéria e espírito. Esse espírito vai ficando cada vez mais evanescente e essa matéria vai ficando cada vez mais estúpida. Isso é exatamente o que nós estamos vivendo.

Tem muita gente que acredita que, por exemplo, no paraíso vamos ser puros espíritos. Eu pergunto: no paraíso não tem um rio, por exemplo? É claro que tem; então existe lá acidente geográfico, portanto ele ocupa lugar no espaço. Como é que o puro espírito vai estar na beira do rio? Quer dizer, esta coisa do espírito totalmente descarnado, como uma equação matemática, sem lugar no espaço, isso aí é uma heresia moderna. Deus não diz, na Bíblia, que

vai nos dar um corpo de glória? Corpo de glória é um corpo. Não sei como é que é, não sei que matéria é essa, mas alguma matéria tem, algum lugar no espaço tem. A cultura moderna perdeu a capacidade de perceber a unidade real do universo. Além disso, quando falamos “universo”, as pessoas pensam no universo das ciências físicas; mas quando eu uso a palavra “universo”, refiro-me a tudo: a natureza física, o mundo do espírito, angélico, Deus, *tudo* o que existe, tudo o que há. Hoje em dia é difícil transmitir essas coisas, porque o dualismo cartesiano se impregnou de tal maneira que todo mundo pensa assim — e às vezes até mesmo o papa.

Por que o Papa Francisco citou um poeta sufi para falar disto? É simples: porque isso desapareceu do universo cristão. Por exemplo, Abraham Kuyper percebeu algo no século XIX, mas a obra dele só foi continuada muito depois pelo Herman Dooyeweerd. Ou seja, o que Kuyper falou foi como se não tivesse falado, ninguém se tocou de que ele estava falando alguma coisa essencial. Então tanto o simbolismo do coração como o simbolismo celeste e todos os outros simbolismos continuaram desaparecidos, só sobrevivendo como figuras de linguagem.

Isso ficou tão exótico dentro do mundo cristão, que C.S. Lewis, quando escreveu *As Crônicas de Nárnia*, todo mundo achou que tinha uma chave simbólica ali. Começaram então a especular para tudo quanto é lado, até que veio Michael Ward e matou a charada no livro *Planet Narnia: The Seven Heavens in the Imagination of C. S. Lewis*. Ele disse que os sete livros das *Crônicas de Nárnia* correspondem às sete esferas planetárias da cosmologia ptolemaica, e isso aí tudo é uma viagem celeste, é uma travessia das várias esferas da existência abrindo para o sétimo céu, o último céu, a morada de Deus. E de fato é assim. Quando você confere, você constata que Michael Ward tem razão. No entanto, o próprio C.S. Lewis nunca abriu a boca para dizer que havia essa chave. E por que ele manteve isso em total segredo? Ele tinha medo que rissem da cara dele! E você vê que este sistema da cosmologia ptolemaica só aparece no próprio C.S. Lewis como figura de linguagem, não como uma cosmologia propriamente dita.

Diz aqui o Michael Ward, vejam que coisa importantíssima:

“Lewis admite que, de um ponto de vista puramente estético, ‘a processão dos deuses em torno do céu’ tem para ele um apelo espontâneo maior que o da cristandade, assim como a sua preferência imaginativa era não apenas pela sua mitologia Nórdica, mas também pela irlandesa e pela grega, acima da poesia da religião em que ele acreditava. Seguindo-se à sua conversão, Lewis naturalmente considerava que as religiões pagãs eram menos verdadeiras do que a cristandade, mas olhando-as *sem referência à questão da verdade* [grifo nosso], ele sentiu que elas possuíam uma beleza superior. Beleza e verdade poderiam ser e deveriam ser distinguidas uma da outra assim como ambas deveriam ser distinguidas da bondade.”³

Ora, esses três aspectos (a beleza, a verdade e a bondade) eram justamente o que, na síntese medieval, eram inseparáveis: *unum, verum et bonum* — que, segundo expressou John Duns Scot, se convertem uns nos outros, são modos diferentes de dizer a mesma coisa. Porém, Lewis encarava a cosmologia ptolemaica não como a expressão da verdade, mas apenas da

³ “Lewis admits that, from a purely aesthetic point of view, ‘the procession of the gods round the sky’ has to him a spontaneous appeal greater than that of Christianity, just as his imaginative preference was not only for Norse, but also for Irish and Greek mythologies, over the poetry of his believed religion. Following his conversion, Lewis naturally considered pagan religions to be less true than Christianity; but, regarding them without reference to questions of truth, he felt that they possessed the superior beauty. Beauty and truth could be, and ought to be, distinguished from each other, and both from goodness. (...)”. Ward, Michael. *Planet Narnia: the seven heavens in the imagination of C.S. Lewis*. New York: Oxford University Press, 2008.

beleza enquanto separada da verdade. Ele não exigia da cosmologia ptolemaica uma veracidade científica, mas apenas a sua beleza. Mas acontece que não exigir dela veracidade científica (no sentido da ciência experimental moderna) não implica que ela não tenha alguma veracidade. Para ser verdadeira, não é necessário haver correspondência biunívoca, porque existe a veracidade do sistema como um todo.

Se você considerar, na cosmologia medieval, não este ou aquele ponto em particular, mas a estrutura do todo, você verá que aquilo lá é verdadeiro, não apenas belo. Mas Lewis é uma alma cristã e ao mesmo tempo um apreciador da cosmologia antiga, ele quer reaproveitá-la apenas esteticamente. Enquanto Lewis estava fazendo isso, aí é que entra os mulçumanos — René Guénon, Frithjof Schuon, Seyyed Hossein Nasr — e dão um banho na mentalidade científica moderna mostrando o fundamento verídico das antigas cosmologias. Isso já estava na civilização cristã na Idade Média, todo mundo sabia disso. De repente apaga, cria-se uma inibição perante a ciência moderna, ninguém tem coragem de falar disso, daí aparece um mulçumano vendendo para você o que você já tinha sete séculos atrás. E daí o que você faz? Na hora de falar disso, você ter de citar um poeta sufi mesmo, porque você perdeu aquela visão dentro do contexto cristão. Foi por isso que o Papa Francisco citou o poeta sufi. [1:10]

Aluno: No final da exposição, o senhor citou o autor C.S. Lewis. Há uma colocação dele sobre o que se poderia dizer sobre Cristo. Haveria três possibilidades: um lunático, um mentiroso ou o próprio Deus. Ao examinar criteriosamente esta possibilidade seria mais provável que ele seja Deus. O Senhor recomenda a leitura desse autor? (...)

Olavo: Claro que recomendo! No que sublinhei acima, apenas disse que não sou grande fã dele. E acho que nessa coisa do simbolismo ele foi demasiado tímido — acompanhando um pouco a moda da época, sobretudo o ambiente anglo-saxônico. Hoje anotei no Facebook que nunca fui um grande fã dele, mas eu estou lendo o último livro que ele escreveu, que é um romance mitológico, *Till We have faces*, e estou achando uma coisa absolutamente grandiosa, um negócio fantástico. É muito melhor do que tudo que ele escreveu na apologética, que sempre também me pareceu demasiado deferente para com o adversário. Eu digo que nós devemos absorver a idéia do adversário a ponto de nos identificarmos com ele durante algum tempo, pelo menos. Veja, quando não dá para fazer isso as pessoas substituem pela polidez: tratam o adversário bem. Eu não acho que isso funcione.

Aluno: (...) Não acha que Guénon e Schuon que deveriam ser lidos primeiro?

Olavo: Não. Na verdade, eu nunca recomendei que ninguém lesse Guénon e Schuon porque eu acho que sem uma longa retaguarda filosófica você se meter nisso vai criar confusão. Porque existem vários lados na obra dele. Por um lado, tem essa coisa da religião comparada que é absolutamente fantástica. Tem a ciência do simbolismo que Guénon é o grande mestre nisso, nem se discute. Mas existe um fundo falso que durante muito tempo não apareceu, mas agora está sendo investigado. Eles não são assim propriamente pensadores, são emissários de uma civilização. São como se fossem agentes secretos, agentes infiltrados numa espécie de guerra cultural meio camuflada. É um terreno perigoso.

Você veja, acabei de colocar no Facebook: as almas ingênuas dos ignorantes devem ser protegidas das idéias que podem ter o efeito de pervertê-las. Mas os intelectuais cristãos eles são obrigados a absorver e superar estas ideias, não as combater desde fora. É claro que a atividade intelectual comporta um risco, um risco até para sua sanidade mental. Porque não tem como você combater eficazmente uma idéia se você não a torna sua. E nesse processo, evidentemente, você corre riscos. Mas quem está na chuva é para se molhar. Você não vai

querer ser um guerreiro e preservar a sua integridade corporal incondicionalmente, isto é impossível. Onde estão vocês nisso? Vocês estão no meio termo. Vocês não são ignorantes, e também não são intelectuais cristãos inteiramente preparados para briga. Então tem que agir um pouco com ousadia, um pouco com prudência.

Aluno: Você acha que uma boa maneira de se preservar o intelectual cristão que queira exercer uma hegemonia seria seguir o exemplo de quem fez isso dentro da Igreja, por exemplo, não seria o caso de seguir o exemplo de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino?

Olavo: Especialmente São Tomás de Aquino na discussão dele com Averróis — você vê que ele absorveu Averróis mais profundamente que o próprio. São Tomás foi até o fundo, entendia a coisa e saía com uma solução melhor. Esse sem dúvida é um exemplo.

Aluno: Mas e um exemplo de alguém que não era santo?

Olavo: Mas não precisa ser santo para fazer isso. Para fazer isso não precisa ser um santo. Então, basta você ser um intelectual sério, preparado. Você vê: Chesterton não era santo. O Padre Sertillanges não era santo. E, no entanto, fizeram isso muito bem.

Aluno: Até que ponto pode-se dizer que a filosofia de Schelling foi uma tentativa de desfazer a separação do espírito e matéria que era pós modernidade?

Olavo: Ah sim! Você pegou. Schelling foi uma grande tentativa. Schelling ainda é um exemplo para todos nós. Agora, existem pessoas que têm objeções secundárias à filosofia de Schelling, e jogam fora a criança com a água do banho. Eu acho que este ponto é o centro da filosofia de Schelling. Eu tenho uma admiração ilimitada por Schelling, ele foi um dos poucos caras que sabia o que estava fazendo no século XIX.

Aluno: Tenho uma dúvida que pode parecer básica e trivial. A forma se pensada como substância e essência de determinado objeto ou se prescinde a matéria?

Olavo: Não, a forma como tal é um arquétipo. Arquétipo é um modelo de uma possibilidade na mente de Deus. Claro que ela existe, como um pensamento de Deus, mas apenas como possibilidade. Ela só passa existir definitivamente quando entra na esfera da temporalidade e tem, portanto, um composto de matéria e forma.

Aluno: Poderia explicar o envolvimento dos alquimistas dentro do contexto da aula? Os alquimistas projetavam na sua presença da matéria qualidades humanas?

Olavo: Não, de jeito nenhum! Sobre alquimia, eu sugiro que você leia o livro *Alquimia* do Titus Burckhardt. Titus Burckhardt é um discípulo de Guénon e Schuon. Acredito que pode ser lido sem estes riscos maiores aqui. O livro dele sobre alquimia é um primor. Assim como o livro do próprio Julius Evola - *Tradição Hermética* - é um senhor completamente maluco, mas é um gênio assombroso. E o livro dele sobre alquimia ainda é um dos melhores que existem. Alquimia não tem nada a ver com projeção de qualidades humanas na natureza. Mas é o contrário. Ela é exatamente o esforço de decifração simbólica monstruoso, onde as qualidades psíquicas e espirituais discernidas na matéria existem mesmo, mesmo. Se vocês tiverem alguma dúvida leiam o livro de Armand Barbault *L'or du Miléme Marin (O Ouro da Milésima Manhã)*, onde ele descreve passo a passo uma operação alquímica que o leva até uma fase relativamente rudimentar da obra alquímica que é o chamado ouro potável, que é uma garrafa com mais ou menos 30cm, um líquido dourado, que cura praticamente qualquer coisa. Isso ele

fez realmente, materialmente. Ele não está falando de projeção de idéias humanas, está falado em qualidades objetivas da natureza que são discerníveis por meio do simbolismo.

Aluno: O que fazer com o receio de entregar-se completamente ao conhecimento para o despertar da vocação filosófica, por medo de acabar conseqüentemente substituindo o amor à Deus e às coisas divina e à Igreja por esta mesma entrega? Sou seu aluno iniciante.

Olavo: Mas nem se preocupe com isso! Assim você estuda e reza o dia inteiro. Peça ajuda de Deus, peça a ajuda do Espírito Santo: não me deixa errar, porque eu sou uma besta quadrada, [1:20] eu não sei isso aqui, mas Você sabe, então Você me guia. Faça isso o tempo todo! Quanto mais você estudar, mais você vai ter que rezar! Isso é o óbvio. Não tenha medo. Medo é mau conselheiro sempre. Quando você sente que um estudo está te confundindo demais você deixa para depois. Você fala: "Não, isso aqui é muita areia para o meu caminhãozinho". Tem aquele filme sobre a cabeça dos homens e das mulheres. As mulheres dizem que a cabeça dos homens é constituída de uma série de caixinhas separadas e é verdade. Então você põe na caixinha e deixa para depois, sem prejudicar nada. Mas não fique com medo não, você tem de reconhecer a sua incapacidade: "não estou entendendo este negócio, vou crescer mais um pouquinho, daqui a pouco eu volto". É como se um sujeito muito grande, muito forte, te desafia, daí você responde: "agora eu não posso com você, vou treinar um pouco depois eu volto, e daí nós brigamos".

Aluno: Como utilizar as premissas da hegemonia intelectual frente aos representantes do socialismo Fabiano, do movimento comunista internacional e do islamismo? Há como vivenciar o contraditório dessas três estratégias e vencer por meio do simples debate.

Olavo: Não. Aquilo que você não venceu na esfera intelectual você muito menos vai vencer na esfera social, cultural, política, militar etc. Parta do princípio de que aquilo que você não consegue pensar, você não vai conseguir fazer. A hegemonia intelectual é o primeiro passo. Sem esse não dá para fazer o resto. Vale aqui a regra de Sun Tsu "conhece o teu adversário". Se você não está compreendendo o que ele faz, ele te fará de trouxa.

Nós temos de fazer a nossa parte sem prejudicar o que Deus vai fazer depois. Reconquistar a hegemonia intelectual-cristã é nossa obrigação, é uma coisa que está ao nosso alcance. Não tudo, mas a nossa parte: você faz um pedaço, o outro faz outro pedaço, o outro faz outro pedaço e a coisa acaba aparecendo.

"A verdade é filha do tempo", como dizia São Tomás de Aquino. Fazendo isso, estaremos cumprindo a nossa parte. Eu tenho uma regra: eu não peço para Deus fazer aquilo que Ele quer que eu faça. Eu não vou pedir para Ele estudar para mim e escrever o artigo da semana. Não, eu que tenho de fazer; Ele pediu para eu fazer isso; essa é a minha obrigação. Nós temos de cumprir a nossa obrigação sem querer dirigir os destinos do mundo, sem ter (com relação ao futuro do mundo) nem esperança e nem desesperança. Não podemos perder de vista que essa vida termina: nada neste mundo tem continuidade, tudo acaba. Nosso destino eterno é em outra faixa de realidade. Aqui nós simplesmente temos de cumprir o nosso dever, sem prejudicar se as coisas darão certo ou errado. Quem somos nós para saber? Temo é de cumprir o nosso dever. Não se preocupe com mais nada.

Aluno: Sobre as técnicas de manipulação psíquica que estão sendo utilizadas hoje em dia: existem técnicas mais avançadas em relação à PNL e hipnose?

Olavo: confesso que parei de estudar esse assunto mais de vinte anos atrás. Eu me informei e daí encostei este assunto, não continuei o estudo. Então não posso dar uma coisa atualizada. Mas do que eu li até agora, tem dois livros que recomendo: *Maquiavel Pedagogo*, do Pascal Bernadin, e *Snapping*, de dois autores americanos chamados Conway e Siegelman. São livros que já estão desatualizados — eu não posso atualizá-lo em alguma coisa que eu mesmo não estou. Eu pretendo voltar a esse assunto algum dia, mas não já. Porque isso é meio indigesto: você começa a estudar e logo fica com raiva dos caras. Então, não é bom. Isso, inclusive, é uma maneira de você graduar: se o assunto estiver o deprimindo muito, pare e deixe para depois, quando você estiver mais fortinho.

Aluno: Perder a percepção da simbologia cristã, antes clara a todos na Idade Média, nos torna mais vulneráveis ante as heresias como a Teologia da Libertação, Teologia da Prosperidade? (...)

Olavo: É claro que torna. Este é exatamente o ponto. Se não temos o simbolismo da natureza, das coisas materiais, então a nossa espiritualidade é espiritual demais: muito etérea. E como é etérea, ela fica exigindo de você a todo instante sacrifícios de fé que estão acima da sua capacidade. Se você não vê alguns indícios materiais da ação de Deus no mundo, a fé torna-se difícil: "eu não estou vendo nada de Deus, Ele não fala, Ele não mexe, Ele não faz nada e eu vou ter de continuar acreditando aqui? Por que Ele não aparece nem um pouquinho?". É claro, você não pode exigir uma epifania: "Deus desce aí! Nossa Senhora, desce aí!". Mas é importante que você veja alguns sinais é importante. Aí entra o estudo dos milagres cristãos, o simbolismo da natureza — isso ajuda muito.

Aluno: (...) Se sim, como utilizar esta percepção correta no nosso dia-a-dia, além de obter cada vez mais conhecimento sobre a história dos santos para nos impulsionar em direção a realidade que é o Cristo?

Olavo: Como utilizar isso no dia-a-dia? Mas isso é o próprio dia-a-dia: observar a ação de Deus no mundo, na realidade; por exemplo: nas suas próprias preces. Uma vez eu sugeri um estudo, para selecionar mil cristãos e perguntar: "Quantas vezes Deus atende suas preces?"; as pessoas vão responder: "às vezes Ele atende, as vezes não"; mas a resposta positiva sempre estará em quantidade superior à negativa. Se você faz essa mesma pergunta a mil socialistas: "quando foi que o socialismo atendeu às suas expectativas?". Novecentos e noventa e nove responderão: "Nunca!". Quer dizer, é necessário muito mais fé para acreditar em socialismo do que em Deus.

Aluno: Estou traduzindo a Suma Teológica de São Tomás (...)

Olavo: Por que que você está traduzindo? Existem duas traduções no Brasil: uma do Alexandre Correia e outra feita por um grupo de padres sob a direção do Frei Josefá — aquele que debateu comigo. A tradução do Alexandre Correia tem erros, mas ainda é a melhor. Inclusive sugiro comprar essa antiga. Existe uma tradução francesa das *Éditions du Cerf* que é uma verdadeira maravilha. Existe a tradução da BAC (Biblioteca de Autores Cristãos) que é uma tradução comentada enorme, com vários volumes, onde você não vai ter dificuldade de ler espanhol. Apela para uma dessas, não precisa traduzir tudo de novo não.

Aluno: (...) Me deparei com a seguinte frase: "Nada está em si mesmo."

Olavo: a única coisa que está em si mesmo é Deus. Estar em si mesmo é você ser o contexto da sua própria existência. Quer dizer, você é o contexto e a condição da sua própria existência. Só quem cumpre esta condição é Deus. O resto tudo está em alguma coisa. Aristóteles definia a

substância como aquilo que nem é o atributo de uma outra coisa nem está em outra coisa. Então, nesse sentido, a única substância mesmo é Deus. As demais substâncias o são apenas sob certo aspecto. Por exemplo, um gato não é uma qualidade de outro gato, nem de outro animal e nem está em outro animal. Mas ele está no planeta Terra, está nesta atmosfera aqui e só pode ser concebido como ente independente de modo abstrato; realmente, ele é dependente numa série de condições. Obviamente é isso o que São Tomás de Aquino quer dizer.

[1:30] *Aluno: Professor, o livro que talvez seria interessante sobre Kuyper e Dooyeweerd é Neo-Calvinism and Christian Theosophy: Franz von Baader, Abraham Kuyper, Herman Dooyeweerd, do Glenn Friesen. O autor argumenta que as principais idéias do neocalvinismo de Abraham Kuyper e Dooyeweerd não vem de Calvino ou de fontes reformadas, mas tem fonte na teosofia cristã de Franz von Baader.*

Olavo: Novidade para mim; vou ler esse livro. Pode ser, não sei. Vou dar uma olhada. Obrigado pela sugestão.

Aluno: O senhor conhece ou teria algo a dizer sobre os filósofos João Camilo de Oliveira Torres, Gilbert Chesterton e do filósofo alemão Joseph Pieper e também do Dietrich von Hildebrand? (...)

Olavo: A minha admiração pelo Hildebrand é ilimitada. Esse homem era um santo. Além de ser um grande filósofo, era um santo, um herói.

Aluno: Aliás, Hildebrand tem uma obra sobre esta questão do coração, Teses fundamentais da ética. A tese fundamental da ética hildebrandiana é de que o coração é o centro da pessoa.

Olavo: Exatamente. É o mesmo assunto do Kuyper. Quanto ao João Camilo, eu acho que deveria ser leitura obrigatória para todos os brasileiros. Por exemplo, o livro *Teoria Geral da História*, as obras que ele criou sobre a história do cristianismo no Brasil, a *Democracia Coroada*, que é uma obra absolutamente fundamental sobre o Império.

Esse pessoal que vive dando palpite sobre a vida do Brasil não leu os livros fundamentais sobre o país: não leram Raimundo Faoro, não leram João Camilo, não leram Gilberto Freyre, não leram Oliveira Lima — não leram nada. Todo mundo acha que pode falar sobre Brasil. Mas eles não têm interesse pelo país. A bibliografia dos estudos brasileiros é muito rica. Outros exemplos: José Maria dos Santos, Otávio Tarquínio de Souza — tem livros maravilhosos sobre o Brasil. Tem que ler tudo isso. Pieper eu li muito pouco. Não tenho opinião nenhuma a respeito. Mas ler o Chesterton é uma das alegrias da vida; vocês não podem viver sem isso.

Aluno: Já li nos seus trabalhos a importância de se desenvolver no âmbito da ciência uma ontologia regional. Dietrich von Hildebrand em um dos seus artigos fala de uma legalidade geral como princípio de identidade e de uma legalidade própria a certas esferas. (...)

Olavo: Sim. O princípio de ontologia regional é proveniente de Edmund Husserl — eu não sou pioneiro nisso. Tanto eu quanto Hildebrand — verdade seja dita — aprendemos isso com ele. Existe o princípio da ontologia geral que se aplica ao ser em geral, e existem esferas do ser que são independentes entre si. Aqui temos de lembrar aquela frase do Husserl (que para mim é inesquecível): não existe uma embriologia dos triângulos e uma trigonometria dos leões. Ou seja, são esferas da realidade que são rigidamente separadas, uma não afeta a outra, a outra não afeta a uma. Pode afetar através da relação de uma terceira, mas diretamente não.

Aluno: (...) Neste sentido qual seriam os pontos fundamentais da investigação e da consideração para se desenvolver uma ontologia regional da esfera social?

Olavo: Isso também é um dos temas do Kuyper, que ele chama de soberania. Quer dizer, existem esferas de realidade que são soberanas, que não podem ser definidas por outras. Na medida em que as pessoas perdem de vista essa soberania, elas estão abrindo espaço para o Estado onipotente que legisla sobre tudo — exatamente o que está acontecendo hoje.

Esse pessoal não entende que existe uma autonomia da arte, da ciência física, da moral, da religião etc. Mas se é assim, tem de existir uma autoridade legislando sobre tudo, e essa autoridade não é Deus. Digo mais: nós já estamos nessa situação. No começo da aula eu falei que atualmente todas as relações humanas são mediadas pelo Estado, quer dizer, não há mais relação direta de pessoa a pessoa. Isso é importante: sempre há uma estrutura jurídica na qual vocês estão inseridos e que decide o destino dessa relação. Quando chegamos ao ponto de alguém processar uma pessoa porque ela o olhou feio, então vemos que nem o direito ao ato espontâneo de olhar escapa da esfera de ação do Estado.

Aluno: O senhor já ouviu falar de George Ivanovich Gurdjieff?

Olavo: Sim. Cinquenta anos atrás. Eu li tudo que o Gurdjieff escreveu e freqüentei uma escola Gurdjieffiana quarenta anos atrás. Hoje eu entendo que o Gurdjieff era um tremendo gozador cósmico. Ele era uma força destrutiva enviada por fonte islâmica para bagunçar o meio cultural ocidental — e bagunçou maravilhosamente. Eu conheço poucas coisas que são tão divertidas quanto as obras do Gurdjieff — mas você só percebe isso quando entende que não é para acreditar.

Gurdjieff fazia o seguinte: reunia seus alunos e ia na lousa desenvolver um sistema cosmológico, com todas as equações, tudo arrumadinho. Os alunos cientistas (gente de alto gabarito) ficavam maravilhados com a exposição: copiavam e anotavam tudo. No dia seguinte, ele chegava e falava que não era nada daquilo, e mudava tudo, apresentava outra coisa completamente diferente. Aquilo que para um cientista era obra de uma vida, para o Gurdjieff era coisa de vinte e quatro horas — para você ver o tamanho da genialidade dele. Só que ele não estava ensinando verdade nenhuma, nem levando as pessoas para o caminho da salvação: ele tinha a função estratégica de criar o caos no meio da ciência materialista — e criou. Gurdjieff abriu caminho para a penetração dos ensinamentos de Guénon e Schuon — que não gostavam dele absolutamente, mas que também não o combatiam.

Aluno: Minha pergunta não tem nada a ver com a aula de hoje. Se o senhor achar melhor não precisa respondê-la. Trata-se de um post que o senhor fez esta semana no Facebook⁴ quando relacionou a desimaginação com a depressão. O senhor poderia falar mais sobre isso? A desimaginação é falta de imaginação?

Olavo: Não: é o empobrecimento da imaginação que não consegue se desligar do estímulo sensível imediato. Segundo o livro *Psicopatologia Geral* de Gabriel Deshaies — grande psiquiatra francês —, esse é um dos traços principais da depressão. Na depressão os estímulos sensíveis esmagam a mente, não deixam que ela voe. Isso é muito importante: todas

⁴ “Um dos primeiros sintomas da depressão é aquilo que o psiquiatra Gabriel Deshaies chamava “desimaginação”. Desconstrucionismo e frankfurtismo são desimaginação teorizada. A esquerda mundial, hoje, só acredita em aprofundar a depressão”. Postado no Facebook no dia 20/07/2015.

as nossas percepções são fragmentárias — absolutamente todas. Por exemplo, ao olhar, nós piscamos. Não temos nenhuma sensação que seja absolutamente contínua — tudo é fragmentário. Isso implica que se nós percebemos alguma unidade nos objetos, nas pessoas, nos seres, é por algo que não está dado sensivelmente. Esse algo só pode ser captado pela imaginação. Vejam: não se trata de uma operação kantiana, em que tudo é um conjunto de fragmentos e nosso aparato de percepções compõe os elementos. Não, nós não compomos. A imaginação nos leva a perceber conexões que pela simples sensação jamais perceberíamos. A imaginação é um suporte indispensável do conhecimento. Quando perdemos isso, toda noção de sentido, de significado vai desaparecendo. É isso que o Gabriel Deshaies explica.

Eu acho que eu vou parar por aqui, já foi longe demais. Bom, eu espero que o novo site esteja funcionando a contento. Ele não resolve todos os problemas, mas alguns, os principais. Agradeço muitíssimo ao Silvio Grimaldo, ao Mauro Ventura, à Leila, ao Luis Filidis, [1:40] todos aos que colaboraram com isso. Obrigadão!

Até semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: Bernardo Jordão, Charles Santos e Tatiany Fernandes.

Revisão: Éricson Rojahn